

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

CARLA ELIS SCHIMITS

COMO É TRABALHADA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO 2º ANO DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ

PONTA PORÃ –MS
2015

CARLA ELIS SCHIMITS

COMO É TRABALHADA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO 2º ANO DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado às Faculdades Magsul, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora. Ma. Roseli Áurea Soares Sanches

PONTA PORÃ -MS
2015

CARLA ELIS SCHIMITS

COMO É TRABALHADA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO 2º ANO DE UMA ESCOLA
PUBLICA DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado às Faculdades Magsul,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Ma. Roseli Áurea Soares
Sanches

Data de aprovação: 20/08/ 2015

Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora

Orientadora: Ma. Roseli Áurea Soares Sanches

Membro: Ma. Emne Mourad Boufleur

Dedico este trabalho para todas as pessoas que estiveram ao meu lado, torcendo por mim e me incentivaram a concluir esta monografia e este Curso de Pedagogia, e também dedico em especial à coordenadora do Curso de Pedagogia, Emne Mourad Boufleur, porque quando pensei em parar com o curso, ela me chamou numa sala particular e fez com que eu mudasse de ideia, sou grata a ela, pois o quanto a minha vida melhorou e vai melhor, por ter esta oportunidade de ter cursado Pedagogia.

Dedico também à professora Roseli Áurea Soares Sanches, por dedicar horas e horas de orientação, para que eu pudesse concluir este trabalho de curso e também quero dizer aqui o quanto a admiro pelo seu amor e dedicação a sua profissão, quero que saiba que a sua profissão de ensinar é o maior gesto de amor à humanidade, que busca o amor ao saber, e ao saber viver. E aqui fica uma mensagem para todos os educadores entreguem-se de corpo e alma à nobre missão de ensinar. Assim, irão sentir-se plenamente realizados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus porque me concedeu o dom da vida e que me sustenta no meu dia a dia dando sabedoria, competência, inteligência, amor e também por estar abençoando mais um sonho da minha vida, aliás o que antes era um sonho está prestes a se tornar realidade. Deus nos mostra na Bíblia, em provérbios sobre a sabedoria, o valor que esta tem em nossas vidas, excede ao de ouro e prata, uma vez que o ouro e a prata podem acabar, mas a sabedoria que Deus nos dá, ninguém poderá tirar de nós, nunca irá acabar.

“Aceitar a minha correção, e não a prata e o conhecimento mais do que o ouro fino escolhido. Porque melhor é a sabedoria de que os Rubis, e de tudo o que se deseja nada pode comparar com ela. Eu, a sabedoria habito com a prudência e acho a ciências dos conselhos”(PROVÉRBIOS; 8;10;11;12. p.548).

Agradeço ao meu amor Daniel por estar comigo, por transmitir segurança, carinho, compreensão, e porque sempre tem uma palavra de sabedoria, de conforto nas horas ruins. Agradeço a Deus por tê-lo colocado em minha vida pois não há palavras que possam dizer o quanto ele é especial para mim e como é maravilhoso tê-lo em minha vida.

E agradeço a minha amiga Paty Ayres porque tem me mostrado o que é ser amiga de verdade, pois esteve comigo em momentos bons como nos ruins e sempre me dizendo vai dar tudo certo, você vai conseguir, tenha calma, a Paty sempre procura estar otimista e passar este otimismo para mim, obrigada amiga por fazer parte da minha vida.

SCHIMITS, Carla Elis. **Como é Trabalhada a Contação de História no Processo de Aprendizagem no 2º ano de uma Escola Pública do Município de Ponta Porã** folhas 47. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdades Magsul, Ponta Porã, 2015.

RESUMO

O objetivo deste estudo é conhecer a forma que a professora trabalha a contação de histórias. tem como propósito analisar e avaliar conforme, os referenciais teóricos: Como é Trabalhada a Contação de História no Processo de Aprendizagem, no 2º ano, de uma Escola Pública do Município de Ponta Porã. Este tema foi escolhido porque surgiu a curiosidade de saber se realmente a contação de história faz parte do dia a dia dos alunos e como ela contribui para a aprendizagem deles. A I seção traz a introdução, na qual se apresenta a pesquisa. A II seção abrange conceito e os benefícios da leitura para a aprendizagem do aluno. A III seção fala sobre a importância das histórias para a aprendizagem das crianças. E por último a pesquisa monográfica que traz o conceito e as observações da pesquisa, e seus objetivos obtidos, durante a aplicação.

Palavras-chave: Contação de História, Ensino Fundamental, Aprendizagem do Aluno.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Faixada da Escola Municipal Locus da Pesquisa.....	30
Figura 2 - Observação na sala de aula.....	32
Figura 3 - Observando os alunos.....	32
Figura 4 - Caderno de leitura.....	33
Figura 5 - Alunos sorteados da coleção de livros.....	34
Figura 6 - Aluno que levará a sacola de leitura.....	34
Figura 7 - A história que foi contada.....	39
Figura 8 - A História da Chapeuzinho Amarelo.....	40
Figura 9 - Livro de outra história.....	41
Figura 10 - Os alunos participando da contação da história.....	41
Figura 11 - A nova versão do 2º ano, da história da Chapeuzinho Malvado.....	42
Figura 12- As ideias para criar as histórias colocadas em práticas no quadro..	42
Figura 13 – Imagem do encerramento da pesquisa com uma comemoração...	43

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	09
2.Os benefícios da leitura para aprendizagem.....	11
2.1 O que é leitura.....	11
2.2 Por que ler	13
2.3 O ato de ler.....	14
2.4 Funções gerais da leitura.....	16
2.5 Leitura da literatura infantil.....	18
3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM PARA A CRIANÇA.....	20
3.1 O que são histórias.....	20
3.2 A importância das histórias.....	21
3.3 A contação de história na aprendizagem do aluno.....	23
3.4 Como contar histórias.....	27
4. A PESQUISA SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA A EVOLUÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	30
4.1 A Escola Polo Municipal lócus da pesquisa	29
4.2 Observações.....	31
4.3 Entrevistas.....	35
4.4 Análise-Interpretação.....	35
4.5 O desenvolvimento do Projeto contação de história.....	38
4.6 Um olhar de aprendizagem que a história traz através do ouvir.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE.....	47
APÊNDICE-A.....	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute como é trabalhada a contação de história no espaço do Ensino Fundamental, no processo de aprendizagem dos alunos no 2º ano de uma escola pública municipal. Acredita-se que esta seja uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois a contação de histórias auxilia na formação humana, estimulação da imaginação e, por isso, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança.

O objetivo deste trabalho é conhecer e analisar como a contação de história contribui para a aprendizagem dos alunos da Escola Polo Municipal, onde será realizada a pesquisa, na sala do 2º ano, vespertino do Ensino Fundamental.

Esse estudo é resultado de uma pesquisa qualitativa com um estudo de caso conforme Lüdke e André (1986), com observações em sala de aula, pois é através destas observações foram possíveis e visíveis perceber como a contação de história contribui para a aprendizagem dos alunos.

Para este estudo utilizaram-se livros e artigos que pudessem esclarecer e fornecer maneiras que ensinam como desenvolver a contação de histórias na sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental.

Esta temática foi escolhida devido à curiosidade de saber como os professores trabalham a contação de histórias e quais são as frequências com que isto acontece na sala de aula. Sabemos que a contação de história tem todo um desenvolvimento para ser colocada em prática, e depende muito da maneira como a história é contada, para que resultado possa ser bom ou ruim. Segundo Coelho (2009), o professor contador de história deve ter a habilidade suficiente para tornar-se interessante a ponto de prender a atenção dos alunos no decorrer da narrativa que está sendo feita. É importante ressaltar que a contação de história deve ser planejada e adequada ao público que vai ouvir e o sucesso dependerá de vários fatores que interligam a elaboração de um plano, de um roteiro que revela o desempenho do narrador.

Este estudo foi construído em quatro seções, cujo desenrolar será exposto, a seguir.

Na seção 1 será abordada toda a construção do trabalho, que no caso é a introdução, onde se contextualiza toda a pesquisa monográfica.

Na seção 2 abordaremos quais são os benefícios da leitura para a aprendizagem do aluno, conceituando o que é leitura e abrangendo por que ler, e os aspectos que envolvem o ato de ler.

Na seção 3 conceituou-se a história, a importância das histórias e o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, de acordo com alguns conceitos teóricos.

Na seção 4 foi abordada a pesquisa em si: a contação de história para a evolução da aprendizagem dos alunos, a realização das observações, a entrevista, e também a aplicação de um projeto sobre contação de histórias, podendo assim compreender o que a história traz como aprendizagem para o aluno. O texto em seu final trouxe as considerações finais, seguido das referências e dos anexos.

2 Os benefícios da leitura para a aprendizagem

Nesta seção iremos realizar uma contextualização sobre o que é leitura, por que ler, e os aspectos que envolvem o ato de ler.

2.1 O que é leitura:

Segundo Santos (1986), levando em consideração as contradições presentes na sociedade brasileira, ler é, numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e à ignorância. Para ser compreendida, esta definição deve levar em conta a própria estrutura subjacente à sociedade brasileira, ou seja, à dicotomia das classes sociais, mantida pela ideologia (ou visão de mundo) da classe que está no poder. Dominar o mecanismo da leitura é ter acesso àqueles livros que falam criticamente e a respeito da estrutura hierárquica, ditatorial e discriminatória da estrutura, enfim, da injustiça da nossa sociedade. É ser capaz de detectar aqueles aspectos que através das manobras ideológicas servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância. Dessa forma, a pessoa que sabe ler executa essa prática social em diferentes momentos da sua vida e tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles.

A leitura tem como foco fazer com que as pessoas aprimorem mais seu aprendizado, saiam da ignorância e façam parte dos problemas sociais e políticos e que sejam capazes de lutar pelos direitos da sociedade, os quais ficam sobre o poder da classe dominante, permitindo que aconteçam as injustiças, e a pessoa que sabe ler e que tem esta prática diariamente em sua vida é capaz de se opor frente à classe dominante para desmascarar o que não está correto para a sociedade, e quanto mais leitores críticos, menor será o político da ignorância e da alienação, ou seja, as pessoas ficarão, mais atentas a respeito do que acontece no país e pensarão de maneira mais consciente.

A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas (e nas bibliotecas). A explicitação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica (isto é, não geradora de novos significados será feita através da

caracterização do conjunto de exigência com o qual cada leitor crítico se defronta ao confrontar um texto escrito, ou seja, na possibilidade de constatar, de cotejar e de transformar).

De acordo com Santos (1986), a situação explicitada põe em evidência que a leitura crítica pode ser a educação libertadora e que a explicação deste tipo de leitura tem como característica exigir do leitor crítico que questione o texto, que faça uma comprovação e comparação, trazendo-o para a realidade e fazendo a transformação no desenvolvimento da aprendizagem dos pequenos leitores.

É importante dizer que essas exigências não são aqui estabelecidas em termos de habilidades segmentadas. Dentro da perspectiva pedagógica de cunho positivista, é muito comum o retalhamento dos atos da consciência para fins de operacionalização e quantificação. Uma visão humanista da leitura, como esta que se pretende delinear, foge aos padrões do pragmatismo e de outras ortodoxias pedagógicas. O ato crítico de ler aparece como uma constelação de atos da consciência do leitor, que são acionados durante o encontro significativo desse leitor.

O leitor se conscientiza de que exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter, memorizar ou reproduzir literalmente o conteúdo da mensagem indicada pelos caracteres escritos, mas principalmente, o compreender e o criticar (SANTOS, 1986, p.52).

Para esse autor não basta o leitor apenas exercitar sua memória no material escrito para que realmente aprenda, mas é possível que da leitura que ele desenvolva melhor sua aprendizagem, criticidade, ao reproduzir a leitura.

A constatação do significado de um documento escrito, segundo (IBID) (1986), nada mais é do que uma compreensão dos conteúdos pretendidos. O leitor crítico, movido por sua intencionalidade em direção a um horizonte de realidade, desvela o significado pretendido pelo autor da mensagem. A criticidade faz com que o leitor não só compreenda as ideias veiculadas por um autor, mas o leva também a posicionar-se diante delas, dando início ao cotejo, à reflexão das ideias projetadas na trajetória feita durante o ato de constatação.

Ainda conforme este mesmo autor, através dos atos de decodificar e refletir (implícitos na constatação e cotejo/reflexão), novos horizontes se abre para o leitor, pois ele inevitavelmente vivencia outras alternativas de ser e existir em sociedade. Mas, o pleno desenvolvimento de novas alternativas somente pode ser conseguido na transformação, isto é, na ação sobre o conteúdo do conhecimento, extraído do documento selecionado para ler.

A leitura, se efetuada dentro de moldes críticos, sempre leva à produção ou construção de um outro texto; o texto do próprio leitor. Em outras palavras, a leitura crítica sempre é geradora de expressão; o desvelamento do próprio ser do leitor, levando-o a participar do destino da sociedade o qual ele pertence. Assim, esse tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação e reprodução de significados; essa leitura deve ser caracterizada como um Projeto, pois concretiza-se numa proposta pensada e executada pelo ser-no-mundo, dirigida ao outro (SANTOS, 1986, p. 53).

A leitura pode ser um processo de reprodução, pois cada um de nós ao lermos, interpretamos diferente um do outro, cada um tem uma forma de entender a leitura.

2.2 Por que ler

De acordo com Santos (1986), o ler leva-nos à região das razões ou motivos subjacentes à leitura. Muitos autores, de reconhecida competência, apresentam classificações ou taxinomias dos motivos geradores de leitura. Santos, entretanto apresenta três categorias básicas da leitura que são: informação; conhecimento e prazer; e é o próprio autor que explica cada uma delas. A primeira é leitura informacional, em que se procura através de jornais, revistas, outros tipos de leitura que mantém informado o leitor do que acontece ao seu redor ou durante o dia a dia. Este tipo de leitura permite a coleta de ideias e faz com que se tenha um posicionamento crítico. A segunda categoria é a leitura de conhecimento, a qual está relacionada com os processos de pesquisa e estudo. O autor busca livros que se referem aos problemas culturais da sociedade brasileira, exclusivamente, quando se trata da problemática da leitura. A terceira categoria é a leitura do prazer estético que fala da poesia e

de outros gêneros literários. A literatura nos proporciona horizontes que são ilimitados, cujas interpretações da palavra literária são infinitas. Quem busca ler com frequência os textos literários chega a ter um conhecimento mais abrangente. O autor acrescenta ainda que para ser leitor capaz de aprender os referenciais inscritos num texto, é necessário saber compreender a dinâmica do real e compreender-se como ser que participa dessa dinâmica. A leitura nos proporciona viajar, sem rumo, sem intenção, viver aventura sem sair do lugar.

Falar em finalidade para o ensino da leitura significa estabelecer as funções que ele deve cumprir na escola e na sociedade. Essas funções, é bom ressaltar, estão necessariamente amarradas ao horizonte político à medida que o ensino (a ação do homem sobre o homem) pressupõe a transformação ou adaptação das novas gerações para a sobrevivência e convivência numa sociedade historicamente situada. Em termos mais específicos, nenhum tipo de ensino é politicamente neutro (SANTOS, 1986, p.103).

Quando o autor diz na citação sobre a finalidade do ensino e de estabelecer as funções que devem ser cumpridas na escola e na sociedade, ele reforça o pensamento destas funções estarem ligadas aos horizontes políticos, à medida que o ensino gera ação do homem sobre o homem e faz a transformação ou adapta as novas gerações para a sobrevivência e para a convivência na sociedade.

2.3 O Ato de ler

De acordo com Silva (1948), o livro confronta a situação da leitura no Brasil por ser contraditória. Para que os leitores tivessem o hábito da leitura seria necessário que as escolas e as famílias brasileiras tivessem acesso aos livros, mas a realidade é que nem todas as escolas oferecem bibliotecas e as poucas que têm, geralmente, são mal utilizadas porque existem trocas por novos livros e os valores dos livros geralmente fogem da realidade econômica dos brasileiros, e ainda o Brasil tem uma quantidade de analfabetos e iletrados e poucos exigentes. As opções de fazer são reduzidas devido à dificuldade econômica, fazendo a televisão ganhar espaço, tornando-se para o brasileiro uma espécie de paraíso.

Dada as condições de desenvolvimento histórico e cultural do país, à leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso a educação e, portanto ao livro. A grande massa da população, sem condições para estudar sempre aderiu aos meios diretos de comunicação que não exigem educação formal para sua recepção (SILVA, 1948, p.37).

Nesse sentido, percebe-se que as condições e acesso à área de leitura que são oferecidas, destinam-se para uma minoria de pessoas, enquanto o restante da população não tem condições para estudar e procura outro modo de ocupar seu tempo, por meios de comunicação que não exigem uma educação formal para se poder entender o que é passado.

A leitura se manifesta como experiência, resultante de caminho seguido pela consciência do sujeito. Pode-se, pois, notar pelo exposto, que o ato de ler é complexo e tem muitas caracterizações reducionistas. O autor ressalta que a leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, e que a leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura; é algo perdido sem nenhum valor. A leitura gera novas experiências para as pessoas, e lhes enriquece o conhecimento, tem novas possibilidades de existência, facilita o surgimento da reflexão e tem uma visão sobre o que é verdade e, por isso, a leitura deve ser colocada como participação da renovação cultural.

Com o advento da escrita, favorecendo a difusão e o alcance do discurso, o homem passa de ouvinte a leitor. Ao lado do mundo da oralidade, caracterizado pelos atos de falar e ouvir surge o mundo da escrita, caracterizado pelos atos de escrever e ler. Se o mundo da oralidade e o homem se comunicavam através do discurso falado (com presença ostensiva de dois ou mais interlocutores), o mundo da escrita e da comunicação se estabelece a partir de documentos escritos e de leitores. Mais do que o oral, o texto escrito se oferece como informação “acabada”, na qual a defasagem de tempo entre a produção e a recepção tende a dissolver a possibilidade de diálogo.

Conforme Silva (1948), deve-se lembrar que a oralidade é o universo de referência da escrita, porém não se pode pensar a escrita como sendo uma simples transposição desse universo. Isto é: a escrita não fixa a linguagem oral, mas a transforma profundamente, transformando também o próprio autor, pois,

ao acabar de escrever seu texto, morre como autor e transforma-se, ele próprio, num leitor. Existe uma certa tendência da escrita em se tornar uma manifestação discursiva plena e autossuficiente, que veda a intervenção do interlocutor (como seria do diálogo falado) em função da qual se preencheu e se totalizou. Nesse sentido, aprender a ler é ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e se organiza.

Mesmo restringindo a possibilidade de diálogo, a escrita se transforma num recurso pelo qual o homem comunica as suas experiências (o surgimento do livro, das bibliotecas e da imprensa é a evidência mais clara deste fato). Em termos mais objetivos, pode-se dizer que os significados decorrentes das vivências humanas passam a ser veiculados também, através do discurso escrito.

Para a compreensão desse discurso escrito – expressão referencial da fala humana e evocador de conteúdos culturais e para a concomitante aquisição de significados, impõe-se, como um completamente, um ato de ler. Escrever e ler são atos complementares: um não pode existir sem o outro. O ato de ler envolve uma direção da consciência para a expressão referencial escrita, capaz de gerar pensamento e doação de significados (SILVA, 1948, p.64).

A leitura e a escrita são atos complementares e um depende do outro, porque a leitura faz uma direção da consciência para a expressão escrita, fazendo com que o pensamento gere significado.

2.4 Funções gerais da leitura

O autor cita e explica algumas das funções da leitura brasileira, a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do ser humano. A leitura está relacionada com o sucesso acadêmico do ser que aprende diferente da evasão escolar.

Leitura é um dos principais instrumentos que permite ao ser humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis. O contexto da maioria das escolas

nacionais ainda está longe de outros recursos de conscientização- a ciência e a cultura chegam às escolas, através do livro; negar isto é formar o modelo da escola ideal, mas não considerar concretamente as escolas (SILVA, 1948, p. 43).

Quando Silva refere-se à leitura como principal instrumento para o ser humano é porque permite que as pessoas interajam umas com as outras de forma que possam discutir e ser mais críticas para chegar a uma conclusão que seja prática para si, o autor ressalta que apesar da presença marcante de outros meios de comunicação, o livro permanece como veículo mais importante para a criação, transmissão e transformação da cultura. A leitura possibilita diferentes pontos de vista, alargando as experiências e também nos proporciona o único meio de desenvolver a originalidade e a autenticidade dos seres que aprendem.

Ler é, antes de tudo, compreender.

De acordo com Silva (1948), ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato, o propósito básico de qualquer leitura é apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor, numa determinada obra. O “compreender” deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através do seu conteúdo, ou seja, o texto como uma percepção ou panorama dentro do qual os significados são atribuídos.

O leitor deve compreender os significados que o autor quer transmitir através da escrita e mostrar os horizontes que a leitura abrange. A compreensão gerada pela leitura exige a presença de dois elementos: um leitor e um documento escrito, que traz a mensagem. A compreensão, neste sentido, oferecida pela leitura, apresenta características diferentes do falar-ouvir que é o encontro do leitor-mensagem escrito dentro da categoria especial de comunicação. O leitor que é curioso e interessado está em constante conflito com o texto por tentá-lo compreender, concordar e dele discordar.

Compreender a mensagem compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem - eis aí os três propósitos fundamentais da leitura, que em muito ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas, ou meramente “livrescos”, da comunicação leitor-texto. Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um

modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo (SILVA, 1948, p.45).

O autor ressalta que a leitura tem três propósitos importantes, pois, para se compreendê-la é necessário que se entenda o que a mensagem quer transmitir para o leitor; o que a mensagem quer passar através daquela escrita; e quanto à leitura é importante não somente para conscientizar, mas sim, para levar o indivíduo a compreender e interpretar a escrita, quando então terá uma visão mais ampla do que se passa ao seu redor ou no mundo.

2.5 Leitura da literatura Infantil

Conforme Vargas (1955), o mundo infantil foi descoberto nos últimos vinte anos e, por pressão de uma propaganda maciça (que atende aos objetivos do sistema capitalista no qual estamos, infelizmente, imersos), hoje qualquer professor médio não desconhece a importância da iniciação literária mais criativa, mais viva, na escola. Essa concepção moderna do ensino atende às solicitações de um contexto e possui uma estranha competidora; a televisão, que, ao invés de matar, digamos assim, a vontade de ler, deveria funcionar como estímulo à leitura, de vários modos. O computador está aí e é para nos auxiliar, auxiliar milhões e milhões de anos de nossa história. Basta saber como doar sua interferência na formação da informação.

É preciso observar que todo esse movimento pró-leitura das décadas de 1970 e 1980 alcança ainda apenas uma parcela quase inexpressiva da população, pois a outra, a parcela carente, que é a maior, até hoje enfrenta inúmeras dificuldades para concretizar minimamente as aspirações pedagógicas dos professores, que são: informar, despertar o senso crítico e a criatividade dos alunos.

Daí que divido a leitura em dois tipos: a leitura espontânea e a leitura motivada. É esta última a que mais me interessa nesse trabalho, educacional brasileira não permite que a leitura espontânea aconteça com mais frequência. E que, infelizmente, nossas crianças e mesmo os adultos costumam associar leitura de texto, principalmente de texto literário, a uma tarefa escolar (VARGAS, 1955, p.17).

A citação compara os dois tipos de leitura citados pelo autor sobre a primeira leitura, relata que é a espontânea que acontece de forma que o indivíduo lê sem ter um motivo, simplesmente por prazer; O segundo tipo de leitura motivada quando tem que realizar a leitura por algum motivo, ao contrário da primeira e isto é o que mais acontece nas escolas, pois é necessário que os professores exijam isto na escola. Bom seria se a leitura fosse realizada de forma espontânea, mas infelizmente, isto é raro acontecer com as crianças e com os adultos.

De acordo com Vargas (1955), a sua prática escolar, enquanto professor de escolas de 1º grau, bem como sua prática criadora como escritor com publicações e participações em palestras pelas escolas de um público-mirim, demonstrou-lhe que não há diferença entre o ensino de leitura para adultos e este mesmo ensino para o público infantil. O que o fez, com esta prática, reafirmar antigas convicções de que: a) É possível despertar a criança para a leitura do mesmo modo como vinha fazendo com o público; b) Não há temas necessariamente infantis, tudo depende do modo como introduzimos a criança nos conteúdos e nos exercícios de descobertas aplicados; c) Mais que o adulto, a criança percebe os textos como ludismo. Há necessidade de explorar essa percepção ao máximo e libertar seu imaginário; d) A aparente oposição entre imaginário e linguagem no mundo infantil existe em grau muito menor.

De acordo com esse autor, pode-se constatar, ainda, que os professores, em sua maioria, adotam os livros e não sabem como trabalhá-los, caindo a leitura assim no vazio das descobertas previsíveis, das fichas de leitura que, em geral, acompanham os livros.

3. A contação de história e sua contribuição no desenvolvimento da aprendizagem para a criança

Esta seção tem como objetivo conceituar a história, a importância das histórias, a contação de história e o desenvolvimento da aprendizagem da criança, de acordo com alguns conceitos teóricos.

3.1 O que são histórias

Segundo Cunha (1987), a história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. Antes disso, a criança, acompanhando a vida social do adulto, participava também de sua literatura.

E que literatura era essa, a que tinha acesso a criança, antes da “instituição” da literatura?

Temos de distinguir dois tipos de crianças, com acesso a uma literatura muito diferente. A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares.

Sobre o surgimento da literatura infantil, com a ascensão da burguesia, comenta Regina Zilberman:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (ZILBERMAN, 1981, p.15).

Os familiares antes da constituição não tinham preocupação de separar os adultos das crianças, pois acreditavam que as crianças tinham a mesma função dos adultos e era até mesmo conhecido como adultos em miniatura, e muito menos o espaço para que as crianças aproveitassem sua infância, mas quando aconteceu a nova valorização da infância fez com que houvesse a união familiar, mas ainda os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções permaneciam iguais.

3.2 A importância das histórias

De acordo com Abramovich (1997), a leitura é essencial desde criança, e tem uma importância muito relevante para a criança que ouve muitas histórias, faz com que seja um leitor e que tenha caminhos infinitos de descobertas, possa compreender o mundo de forma melhor. O primeiro contato de um texto é feito oralmente para a criança que pode ser realizado pela mãe, pai e avós, quando se lê uma história para crianças, esta pode viver situações que a fazem sorrir, rir, gargalhar ter um momento de humor, de brincadeira, de divertimento, dependendo da ideia do conto que o autor escreve. Ouvir histórias também é suscitar o imaginário, a curiosidade, é questionar, solucionar ideias que os personagens provocam quando se ouvem histórias, possibilita-se a descoberta do mundo imenso de conflitos e impasses e das soluções que todos vivemos e atravessamos; desta maneira, encontramos o caminho para esclarecer melhor as próprias dificuldades.

É ouvindo histórias que se podem sentir também emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve com toda a amplitude de significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Quando se ouvem histórias, despertam-se emoções muito importantes que a narrativa faz com quem a ouve fazendo a ir além com seu imaginário, pois as histórias nos trazem emoções a serem vividas, quando as ouvimos como alegria, tristeza, raiva, medo, choro, insegurança, e isto faz com que enxerguemos, sintamos e ouçamos com os olhos do imaginário. Além de tudo

isto, a história nos faz descobrir outros lugares, outros tempos, outro jeito de agir e de ser, faz-nos sentir como se estivéssemos viajando em outros lugar, mas sem sairmos do lugares, faz-nos ter outras visões e outra ética, faz com que aprendamos sociologia, política, filosofia, geografia sem que percebamos de maneira agradável.

Para contar uma história- seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, entra-se em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é e nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1997, p.18).

Contar histórias para as crianças é muito importante para que elas realmente desenvolvam a aprendizagem da criança ao ouvir as histórias. Pois dependendo da maneira que as histórias são contadas será a maneira que elas desenvolverão ou não sua aprendizagem.

De acordo com Abramovich (1997), por meio da arte de se contar a história podem ser descobertas palavras novas e por meio dela entra-se em contato com a música e com os sons das frases e dos nomes e também se percebe o ritmo; podendo-se ainda brincar com a melodia dos versos. A autora relata que a história é o uso simples e harmônico da voz, por isso quando se lê uma história para as crianças é preciso saber como se faz e não fazer de qualquer jeito.

E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário, cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 1997, p.21).

Realmente para se contar ou ler uma história é relevante que se esteja preparado, pois para trabalhar o imaginário das crianças é preciso saber, respeitar as pontuações, dar pausas nos lugares certos, não fragmentar as frases, não gaguejar, ler com segurança. Quando à história que está sendo

contada, o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração, e claro, que isto vai ocorrer quando usamos o texto para contar de maneira correta.

Segundo Abramovich (1997), é necessário que haja dentro das histórias a serem contadas o personagem; quando este fala baixo, alto ou mansinho, o leitor ou contador de histórias deve interpretar de maneira que cause entusiasmo, reflexão ou até mesmo dúvidas nos ouvintes (crianças), gerando um momento mágico e único.

A história não é somente para as crianças ou uma questão restringida para quem é ou não alfabetizado. Ela tem uma importância na vida das pessoas, independentemente, pois adultos também adoram ouvir uma boa história, passam noites contando causos, histórias sejam elas verdadeiras ou fictícias. Se o adulto gosta de ouvir histórias imagina para o bebê ouvir a voz amada ou uma criança pequenina escutar uma história curta, simples, cheia de emoções e expectativas sobre o que irá ouvir.

De acordo com essa mesma autora, ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo.

Percebe-se que a história realmente nos beneficia e contribui para o desenvolvimento da aprendizagem de forma que abre um leque para vários tipos de conhecimento.

Abramovich (1997) ressalta que não nos deveríamos esquecer nunca de que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação, ou seja, ouvir histórias é muito mais prazeroso e gratificante, pois ela provoca momentos de prazer, encantamento, maravilhamento, sedução e, principalmente, aprendizagem.

3.3 A contação de história na aprendizagem do aluno

Ouvir uma história é tão importante quanto fazer a leitura da mesma, porém, em relação ao ouvir, podemos considerar como um acontecimento que vai despertar o interesse de forma diferente nas crianças.

Segundo Tahan (1996.p, 16), a criança que ouve um história, além de desenvolver sua imaginação, tem a capacidade de interagir com mais facilidade tanto nos questionamentos como na criação de novas situações, pois ao ouvir a história a criança é estimulada, e este estímulo vai desenvolver habilidades que poderão dinamizar a interação, a escrita, a linguagem e a própria leitura.

O professor contador de história deve ter habilidade suficiente para tornar-se interessante a ponto de prender a atenção dos alunos à narrativa que está sendo feita. É importante ressaltar que a contação de história deve ser planejada e adequada ao público que vai ouvir. “O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam...a elaboração de um plano, um roteiro...o desempenho do narrador” (COELHO, 2009, p.13).

Uma história contada com naturalidade, criatividade, e emoção naturalmente irá atingir o público alvo, pois, desta forma, a mesma será aceita como lazer e lazer é um direito de todos o que consta, inclusive, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo 24, quando afirma: “Que todo ser humano tem direito a repouso e lazer...” Ainda considerando o lazer, como fundamental no desenvolvimento da criança, o Estatuto da Criança e do Adolescente, no capítulo IV, artigo 59, ressalta sua importância quando aponta que “os Municípios, com apoio dos Estados e União, estimularão e facilitarão a destinação e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”.

Como se afirma na Declaração Universal dos Direitos Humanos, todo ser humano tem o direito a repouso e ao lazer. A história contada com naturalidade provoca emoções e criatividade e atinge o público, de forma que esta será aceita como lazer e com prazer e não como um dever, e desta maneira, contribuindo no desenvolvimento da criança. O Estatuto da Criança e do Adolescente ressalta a importância dos Municípios juntos com o Estado e União, estimular programações culturais, esportivas, e lazer voltado para a infância e a juventude.

A escolha da história a ser contada é um fator importante porque dela depende o seu resultado. Esse ato pode ser um professor pesquisador e perceber que algumas histórias devem ser adaptadas para que a narrativa ou a contação seja importante para a criança. Faz-se necessário que a linguagem usada se adapte a cada público, ou seja, o uso do bom senso

certamente possibilitará a boa aceitação do ouvinte . “Quem narra, deve gostar do tema para que haja uma interação entre o contador e o ouvinte: Primeiro é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte” (COELHO, 2009, pg.14).

Cabe ao contador ou narrador, usar o corpo, gesticular, movimentar-se diante dos ouvintes para que a história se torne algo palpável, vivo, de modo que a criança se sinta à vontade para interagir. Nesta interação a criança pode participar aprendendo uma infinidade de coisas que serão úteis em seu cotidiano como: contar, conhecer cores, formas, valores sociais etc.

Cada um desses passos deve estar muito bem elaborado para que a seqüência da história não seja prejudicada e o entendimento satisfatório. Para se contar uma história existem formas diversas, que vai depender do tipo de público, do local, do nível de entendimento, para ser apresentada. Cada forma precisa de um estudo prévio para depois ser apresentada (COELHO, 2009, p.31).

Diante do exposto, entende-se que é fundamental a interação entre pais e escola, para que todo trabalho desenvolvido chegue a um objetivo comum, que é a aprendizagem e a formação de leitores críticos e conscientes de seu papel na sociedade em que estão inseridos. Tendo em vista a contação de histórias como uma possível forma de contribuição para a aprendizagem das crianças e, por conta disso, talvez algo significativo de ser utilizado pelo professor, no momento do processo educativo, é importante que se conheça a opinião de alguns pesquisadores que apreciam esse assunto e que primam por formas mais adequadas de educar.

A palavra narrar vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de *épikos* – poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. E se as coisas estão prenhes da palavra, como preferia Bakhtin (1997), ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias e até repletas de mistérios, que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura (COELHO, 2007, p. 48).

Ao se notar tal importância que a narrativa estabelece entre aquele que narra e aquele que ouve, parece interessante que seja feito um maior aprofundamento desse assunto. Portanto, assim como esses autores, Coelho, em seus estudos sobre literatura infantil e juvenil, também contribui com um conceito de narrativa ressaltando o valor desse conhecimento.

Desde que a escrita passou a fazer parte de nossa vida, ler tornou-se tarefa fundamental para que se possa interagir com os fatos e situações apresentados pela sociedade. Hoje, por estar vivendo em uma época em que o avanço da tecnologia tem proporcionado as mais diversas e variadas informações, tornou-se imprescindível que as pessoas sejam preparadas para serem leitoras, porque assim serão capazes de fazer a seleção de informações que lhes possibilitem a solução de problemas de suas realidades. Para contribuir com a ideia de formar cidadãos leitores.

Em sua obra "*A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler*", Barcellos e Neves demonstram coerência com os pensamentos de Abramovich (1997) e ressaltam outras habilidades que a criança desenvolve e amplia ao ouvir histórias. Dentre essas destacam que:

Além disso, a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento (ABRAMOVIC, 1995, p.18).

Na medida em que se percebe, nas palavras dessas estudiosas, a preocupação de que as crianças desenvolvam e ampliem suas habilidades e que conheçam e compreendam melhor o mundo, fica claro que essas autoras são defensoras de um ensino que prepare o aluno para o desempenho de papéis e tarefas sociais com autonomia.

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria – prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas que pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas (COELHO, 1995, p. 9).

Ao contar história é preciso saber fazê-lo, pois além de ser uma arte, ela tem segredos e suas técnicas; o contador/leitor tem que gostar do que faz e, principalmente, gostar de crianças, pois elas têm que sentir a importância que a história tem para elas.

De acordo com Amarilha (2006), a intenção de incentivar a contação de histórias nas escolas, e para que a criança, através da voz que narra, torne-se uma ouvinte pensante.

Quando colocamos a narrativa na escola através do contador/leitor de histórias, mudamos a história da escola. Mudamos a relação da criança com a cultura escolar, porque a fazemos experimentar textos significativos do ponto de vista psicológico, social, linguístico, afetivo, pressupondo que todo professor seleciona, adequadamente, os textos que lê para seus alunos (AMARILHA, 2006, p. 29).

O professor ao se deparar com o texto que será apresentado para os alunos deve selecionar e analisar se o texto é adequado para desenvolver com as crianças, pois isto faz toda a diferença uma vez que através da história pode-se ver a mudança que se opera na relação da criança com a cultura escolar; se o texto for bem trabalhado a história faz toda a diferença na vida do aluno tanto na parte psicológica, social, linguística e afetiva, quanto principalmente, no desenvolvimento de sua aprendizagem.

3.4 Como contar histórias

Os processos de estímulo e incentivo para se contar uma história são inúmeros, mas sua eficácia depende de como o contador os utilizará. Não há “fórmulas mágicas” que substituam o entusiasmo do contador.

Quem aspira a ser um bom contador de histórias, deve desenvolver alguns passos importantes em seus preparativos:

1. a história a ser contada e apresentada deve estar bem memorizada. Por isso, é imprescindível ler a história várias vezes e estar bem familiarizado com cada parágrafo do livro, para não perder “o fio da meada” e ficar procurando algum tópico durante a apresentação;

2. destacar e sublinhar os tópicos mais importantes, interessantes e significativos, para que na apresentação recebam a devida valorização;

3. procurar vivenciar a história. Envolver-se com ela, fazer parte dela e sentir a emoção dos personagens e ao apresenta-la atrair os ouvintes para a magia da história;

4. ao apresentar a história, falar com naturalidade e dar destaque aos tópicos mais importantes com gestos e variações de voz, de acordo com cada personagem e cada nova situação. No entanto, é preciso cuidar para não exagerar nos gestos ou nas entonações de voz;

5. oferecer espaço aos ouvintes que queiram interferir na história e participar dela. Quem se sente tocado em seu imaginário sente necessidade de participar ativamente no desenrolar da história. O importante é que nessa hora não haja pressa, contando ou lendo tudo de uma só vez. É preciso respeitar as pausas, perguntas e comentários naturais que a história possa despertar, tanto em quem lê, quanto em quem ouve. É o tempo dos porquês;

6. toda história e toda dramatização devem ser apresentadas com entusiasmo e paixão. Sempre devem transparecer a alegria e o prazer que elas provocam. Sem esses componentes, os ouvintes não são atingidos e logo perdem o interesse pelo que está sendo apresentado.

4. A pesquisa e sua contribuição para a evolução da aprendizagem.

Esta seção abordará a pesquisa e seu registro por meio de observações, a pesquisa propriamente dita com a aplicação projeto: com o fim de intuir qual a importância e a contribuição da contação de história para a aprendizagem dos alunos do segundo ano.

4.1 Lócus da Pesquisa

De acordo com Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola pesquisada, a qual está situada na rua Pirajuí, número 350, no bairro Coophafronteira, zona urbana, em Ponta Porã, tendo sido criada pelo decreto nº 3199/88 com denominação de escola de 1º grau Coophafronteira e sua denominação foi instituída em 18/05/1989 através da lei nº2554/89, sob o governo do prefeito, nessa época, o senhor Aires Marques. Na sua fundação a escola possuía apenas 4 salas, 1 secretaria, 1 sala de professores. Era um sonho antigo da comunidade escolar e da comunidade geral ter uma escola com espaço apropriado para melhor atender aos alunos e ter melhores condições de trabalho para os funcionários.

No dia 09/07/2010 realiza a inauguração na comunidade da escola ampliada e reformada como era o anseio de todos. Hoje a escola possui 5 salas de aula, 1 sala de tecnologia, 1 ampla cozinha, 1 depósito, áreas de serviços, sala de professores ampliada, secretaria, sala de coordenação, sala de recurso, banheiro para os funcionários e para os alunos, com acessibilidade.

A escola se destaca em suas colocações com as notas de IDEB. Atualmente atende aproximadamente 310 alunos nos turnos matutinos e vespertino, tendo como Diretora Maria Paula da Silva Santos e como coordenadora Vicentina Soares dos Santos e Elaine.

A Escola Polo Municipal homenageia por sua denominação o prof. Isaac Borges Capillé, popular Borginho, que muito contribuiu para a educação de Ponta Porã. Além de professor, escreveu o hino de Ponta Porã, desenhou o Brasão e a Bandeira de Ponta Porã e foi vereador e quando o cargo nem era

remunerado. Como figura social esse maestro sempre alegrou as noites de Ponta Porã, com suas músicas, tocadas no acordeom.

O Projeto Político Pedagógico da Escola municipal pesquisada tem a leitura como uma de suas práticas voltada para o segundo ano do ensino fundamental, com o intuito de que o aluno possa:

- Apreciar as diferentes situações de leitura realizada pelo professor.
- Ler textos diversificados, utilizando as estratégias possíveis.
- Estabelecer relação entre imagem e texto verbal atribuindo sentido.
- Reconhecer a unidade temática (assunto) do texto.
- Localizar letras do alfabeto no seu próprio nome e em outros contextos (músicas, poesias, trava-línguas, quadrinhas).
- Caracterizar ambiente e personagens.
- Reconhecer a organização dos textos narrativos em prosa, e nos contos (por meio das pessoas, dos lugares e das ações).
- Identificar informações relevantes para a compreensão do sentido do texto.
- Reconhecer a relação entre imagens (ilustrações, histórias e textos verbal) atribuindo sentido ao texto, considerando o emprego de recursos gráficos textuais como: fotos, ilustrações, diagramação, tamanho e cor das fontes etc.
- Observar o valor expressivo dos sinais de pontuação (.,!?)



Figura 1: Fachada da Escola Municipal

Fonte: Arquivo pessoal

4.2 Observações

O projeto de pesquisa, na prática, constou de observações somente e de observações, a partir da aplicação do projeto, para que por meio delas pudessem ser revelados fatos que talvez somente com as observações não fossem capazes de se perceber. Assim, foram feitas por semanas as observações do comportamento dos alunos e da regente; para poder se discutir sobre de que maneira os alunos ouviam as histórias contadas pela professora e como eles leram histórias. Além disso, foram também realizadas durante a pesquisa dez observações para relatar de que maneira a professora trabalha a leitura e a contação de história.

De acordo com Lüdke e Andre (1986):

Tanto quando a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como principal método de investigação ou associada a outra técnica de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com fenômeno pesquisado, ou que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiências diretas são, sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.27).

A observação é muito importante para as abordagens da pesquisa educacional e, de acordo com as autoras, tem um lugar privilegiado sendo um dos métodos principais de investigação e de coleta que nos possibilita ter um contato pessoal e estreito entre o pesquisador e suas pesquisas. Também tem suas vantagens, pois nos provoca uma nova experiência vivida pessoalmente e também a comprovação do caso de um determinado fato, que neste trabalho foi a maneira que a contação de história foi desenvolvida e como ela contribuiu para a aprendizagem dos alunos.

A observação foi realizada na sala do segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal que autorizou a aplicação do projeto durante duas semanas. Durante a observação, a pesquisadora pode perceber a maneira que a professora trabalha e incentiva os alunos na leitura e com qual frequência é trabalhada a leitura nesta turma. Pôde-se perceber também através da observação, que a professora regente realiza leituras

compartilhadas, todos os dias de aula e também durante as sextas-feiras os alunos trazem notícias, parlendas e anúncios. Cada aluno vai à frente dos demais alunos e apresenta o que trouxe para ler. A diretora realiza, durante cada bimestre, a avaliação individual de leitura juntamente com a coordenadora. Através da observação pôde-se perceber o quanto o corpo docente da Escola pesquisada é comprometida e dedicada a trabalhar a leitura, assim como os demais conteúdos.



Figura 2 Observação na sala de aula

Fonte: arquivo pessoal



Figura 3 Observando os alunos

Fonte: arquivo pessoal

Conforme Gil (1946), o planejamento da pesquisa concretiza-se mediante a elaboração de um projeto, que é o documento explicador das ações a serem desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa. O projeto deve, portanto, especificar, os objetivos da pesquisa e determinar os procedimentos de coleta e análise de dados. Deve, ainda, esclarecer acerca do cronograma a ser seguido no desenvolvimento da pesquisa e proporcionar a indicação dos recursos humanos, financeiros e materiais necessários para assegurar o êxito da pesquisa.

O projeto foi aplicado para que se pudesse ver de que maneira a contação de história contribui para a aprendizagem dos alunos. Durante a observação e a aplicação do projeto deve-se relatar que os alunos no momento em que ouviram as histórias, prestaram muita atenção, pois quando é terminada a contação ou a leitura de história, eles querem participar e contar algo pessoal que viveram um momento parecido da contação de história. É quanto é importante para o professor saber transmitir todo sentimento que a história passa para quem ouve.

O projeto teve a duração de tempo de duas semanas, Na primeira semana, apenas se observou o comportamento dos alunos e de que maneira a professora conduzia a leitura, e a contação de história; então se pôde perceber o quanto a regente trabalha, e constatar seu comprometimento em incentivar os alunos a lerem e ouvirem histórias, os alunos têm um caderno de leitura no qual é realizado, por meio dele diariamente, a leitura compartilhada, o objetivo para o qual a professora confeccionou o caderno de leitura foi para que os alunos desenvolvessem o hábito e o gosto pela leitura e também para formar crianças leitoras, oportunizar o desenvolvimento da competência e habilidade da leitura e da escrita.



Figura 4: caderno de leitura. **Fonte:** arquivo pessoal

Ler sem mesmo estar alfabetizado, escrever ortograficamente, ter contato com bons textos, melhorar a fluência, tomar conhecimento do uso correto de letra maiúscula, são estratégias que pouco a pouco produzem frutos como os já descritos. Durante a semana de observação a professora fez sorteio, na sala de aula, de seis coleções de livros, o sorteio era mais uma forma que ela usou para incentivar os alunos a lerem, e os alunos que foram sorteados ficaram muito felizes, principalmente, aqueles mais carentes financeiramente. As fotos, a seguir, representam os alunos sorteados.



Figura 5: Alunos sorteados com as coleções dos livros

Fonte: arquivo pessoal

Mais uma questão importante a ressaltar, é que além de todos estes métodos de incentivar e fazer a leitura, a professora regente confeccionou a sacola de leitura e, durante a semana, ela faz um sorteio para ver de quem vai ser o dia de levar a sacola, O aluno sorteado tem que ter o maior zelo pela sacola. Quando a sacola é levada pelo aluno, ele deve realizar a leitura do livro em casa, e juntamente com o livro vai um caderninho onde o aluno deverá relatar o que entendeu do livro e fazer desenhos, depois de todo este processo o aluno retorna na escola e na frente dos colegas da sala, ele faz a leitura e, enquanto isto, a professora avalia o que foi feito no caderninho, e se está de acordo ou não com o que era para ser feito, e assim o livro é entregue para a professora e será passado sucessivamente para os demais alunos.

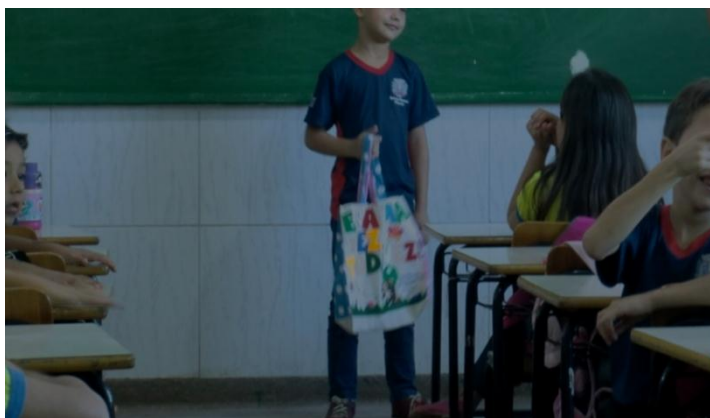


Figura 6: Aluno que levará a sacola de leitura. **Fonte:** arquivo pessoal

No término da semana de observação foi explicado passo a passo sobre o projeto que seria realizado na sala de aula, o que a pesquisadora faria e foi pedida a colaboração dos alunos e a ajuda de todos.

4.3 Entrevista

A entrevistada foi feita com as professoras P1 do 2º ano do ensino fundamental, com a C1 e a professora D1 da Escola pesquisada.

Dez questões foram elaboradas para as realizações da entrevista com a professora M. R.

Segundo Lüdke e André (1986):

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinar a direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.35).

De acordo com Lüdke e André (1986), quando for realizada a entrevista, esta deve fluir naturalmente sem intervenções do entrevistador. O entrevistador deve ouvir atentamente as informações e fazer com que estimule o fluxo natural do informante, garantindo um clima de confiança, para que o entrevistado se sinta à vontade para falar livremente a respeito do tema.

4.4 Análise – Interpretação

Perguntas:

1- Nome completo?

R: M. R.

2- Quanto tempo é formada?

R: 25 Anos

3- Em que curso se formou? Tem especialização? Em que área?

R: A informante P1 é formada há 25 anos, tem como sua formação de graduação, os cursos, de magistérios, Pedagogia, pós em planejamento educacional

4- Em quanto tempo atua como professora? Quanto tempo trabalha com esta turma?

R: Atua há 25 anos e desde o início trabalha com a turma de alfabetização.

5- Você acredita que a contação de história contribui para a aprendizagem do aluno?

R: Não só a contação de história, mas a leitura diária.

De acordo com Abramovich (1997:)

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança, ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH,1997,p16.).

6- De que maneira se faz a contação de história?

R: Eu não faço contação de histórias, eu costumo fazer leitura diária de forma compartilhada, pois contar história é diferente de ler histórias.

7- Você costuma contar histórias para os seus alunos.

() sim () não (x) às vezes () sempre () nunca.

8- Como você costuma contar as histórias? Por quê?

R: Eu não costumo contar histórias, só faço contação quando preciso fazer comparações entre um gênero e outro. Acho mais difícil contar, porque você precisa ter conhecimento de memória a história que irá contar.

9- As crianças gostam das contações de histórias? Por quê?

R: Sim, as crianças gostam muito, pois desta forma ela percebe que o professor realmente tem conhecimento a respeito de qualquer assunto que fala ou que propõe.

10- Como as crianças reagem após ouvir histórias?

R: Elas costumam ficar ansiosas querendo participar, tentando adivinhar e mostrar que já conhece a história (livro), falando, sugerindo no momento da leitura e se elas não podem fazer isso durante a leitura, elas poderão fazer isto após a contação, quando lhes é dada a permissão ou não, elas falam muito, portanto a reação é de confirmação de autoconhecimento com expressões como: eu sei, eu conheço o assunto.

Conforme Abramivich (1997:)

É também suscitar o imaginário, e ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos, dum jeito e de outro através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não) pelas personagens de cada história (cada um do seu modo) É a cada vez ir identificado com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) (...) e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (...) (ABRAMIVICH, 1997, p17)

11- Você chama as crianças para recontarem as histórias? Ensinando-as como se faz isso?

R: Não de forma diária, elas participam sendo convidadas ou não, e não tem o momento certo para isso, geralmente quando está trabalhando o texto narrativo para que seja feita a reescrita, então trabalhamos o reconto, não há necessidade de ensinar de forma metódica, apenas conduzir para que a história tenha lógica na sequência dos fatos.

4.5 O desenvolvimento do projeto contação de histórias

Os projetos são excelentes situações para que os alunos produzam textos de forma contextualizada. Além e dependendo de como se organizam, exigem leitura, escuta de leituras, produção de textos orais, produção de histórias estudo, pesquisa ou outras atividades. De acordo com Brasil (2000), os projetos? As histórias podem ser de curta ou média duração, envolver ou não outras áreas de conhecimento e resultar em diferentes produtos: uma coletânea de textos de um mesmo gênero (poema, contos de assombrações, ou de fadas, lendas etc). Um livro sobre um tema pesquisado, um jornal mensal, um folheto informativo, um panfleto, os cartazes de divulgação de uma festa na escola ou um único cartaz.

4.6 Um olhar de aprendizagem que a história traz por meio da audição.

O projeto foi aplicado durante uma semana no 2º ano do ensino fundamental na Escola Polo Municipal lócus da pesquisa, o projeto tem o nome, um olhar de aprendizagem que a história traz através de ouvir e apresenta as seguintes propostas:

Conteúdos: Contação de histórias, e a criação de uma versão nova das histórias.

Justificativa: Reconhecer que as histórias infantis têm estratégias que permitem trabalhar e desenvolver a aprendizagem do aluno cujo processo requer imaginação, criatividade, organização, colaboração e atenção.

Objetivos:

- Ampliar o conhecimento de forma prazerosa.
- Desenvolver a aprendizagem.
- Trabalhar a imaginação por meio da contação de histórias.
- Desenvolver atenção dos alunos.
- Trabalhar a oralidade em grupo.
- Aumentar o vocabulário.
- Despertar o senso crítico.

- Estimular a criatividade.
- Oportunizar o desenvolvimento da competência e habilidade da leitura e da escrita.

Desenvolvimento: contação/leitura:

- *Chapeuzinho Vermelho.*
- *Cuidado com o Menino.*
- *Chapeuzinho Amarelo.*
- *Chapeuzinhos Coloridos.*

As histórias escolhidas são as versões de *Chapeuzinho Vermelho* com a finalidade mostrar para os alunos que podemos criar e recriar as histórias, pois basta trabalhar a imaginação uma vez e pode-se fazer varias histórias. No primeiro dia, foi contada a história do *Chapeuzinho Vermelho* e *Cuidado com o Menino*, assim que eram contadas as histórias para os alunos, eles participavam com perguntas ou relatos de comparação com a vida das pessoas.



Figura 7: As histórias que foram contadas.

Fonte: Arquivo pessoal

No segundo dia, as histórias contadas foram *Chapeuzinho Amarelo* e *Chapeuzinhos Coloridos*. No livro *Chapeuzinhos Coloridos* há seis histórias e cada uma delas tem uma cor diferente da outra, que são *Chapeuzinho Branco*, *Chapeuzinho Verde*, *Chapeuzinho Lilás*, *Chapeuzinho Azul*, *Chapeuzinho Abóbora* e *Chapeuzinho Preta*. A história de *Chapeuzinho Amarelo* mostra para os alunos que ela era chamada de *Chapeuzinho amarelo* de tanto medo que

tinha, mas ela supera o medo no final da história. A Chapeuzinho Azul junto com a vovó mataram e comeram o lobo, e foram presas por terem matado uma espécie rara de lobo, mas assim que pagaram uma fiança foram liberadas, e Chapeuzinho Azul aprendeu uma lição. Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção.



Figura 8: Esta foi a história da Chapeuzinho Amarelo.

Fonte: Arquivo pessoal

No terceiro dia, foi contada a história da *Chapeuzinho Cor de Abóbora*, porque ela comia demais, mas no final da história quem acaba comendo tudo é o lobo que comeu a vovó, o caçador e a *Chapeuzinho Cor de Abóbora* e ainda com fome comer até a torta que Chapeuzinho trouxe para a vovó, mas elas já estavam tão cheias que se comessem mas alguma coisa explodiriam: buuum... e foi o que aconteceu, comeu a última cerejinha e bum! Explodiu e assim todos ficaram em pedaços para sempre. Moral da história, nunca se deve comer a última cerejinha.

Na história da *Chapeuzinho Verde*, ela era verde porque gostava muito de dinheiro; tudo que ela fazia ela queria dinheiro, mas no final da história a *Chapeuzinho Verde* viu que o dinheiro não traz felicidade e atrai um monte de malandros.

No quarto dia, as histórias contadas foram da chapeuzinho branco, porque ela vivia triste, pois era órfã de pai, mas foi um final feliz todos formaram uma família, o caçador e a mãe de chapeuzinho, porque se casaram, a vovó porque passou a ter companhia, o lobo porque deixou de ser solitário e chapeuzinho branco porque aprendeu uma lição, ninguém gosta de ficar sozinho. *Chapeuzinho Lilás* gostava muito de fofocas, de assistir teve e queria ser famosa. No final todos acabaram ficando famosos porque saíram no jornal, o

caçador porque matou o perigoso lobo, a vovó porque saiu no jornal, e chapeuzinho porque deu uma entrevista para tevê em que disse ter aprendido uma importante lição, se falam mal de alguém, deve ser verdade. Será?.

No quinto dia, foi a última história do *Chapeuzinho Preto* por usar uma roupa aveludada, a chapeuzinho demorou muito tempo na floresta que ela cresceu e nem percebeu, mas quando chegou a casa da vovó para entregar as jabuticabas se deparou com o lobo que já tinha engolido a vovó. Todos ficaram felizes, o caçador porque reconheceu que não podia vencer o lobo, a vovó porque teve uma vida feliz e demorou para ser engolida. Quanto à *Chapeuzinho Preto* porque aprendeu a lição: devemos comer as jabuticabas bem devagar e aproveitar cada uma.



Figura 9: Livro que contém as seis histórias dos Chapeuzinhos Coloridos.

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 10: os alunos participando da contação de história.

Fonte: Arquivo pessoal

No sexto, dia os alunos tiveram a oportunidade de fazer perguntas e mostraram o que as histórias contadas, durante a semana contribuíram para a sua aprendizagem. Realmente, fiquei encantada com as crianças, com os comentários e com o conhecimento que eles passaram a adquirir depois da contação das histórias. Os alunos criaram uma nova versão que foi *Chapeuzinho Malvado*, foi criada de acordo com um pouco da ideia de cada um, todos os alunos contribuíram para esta nova criação da história.



Figura 11: As ideias para criar a história, colocadas em praticas no quadro.

Fonte: Arquivo pessoal

Depois que os alunos deram as idéias para criarmos a nova versão do chapeuzinho vermelho que é o clássico, foi colocada no quadro e assim montado, a historia do chapeuzinho malvado, então os alunos copiaram no caderno a história, e depois foi uma escolhida para ser colocada neste presente trabalho, como mostra a figura 10, os alunos contribuíram muito para que esta pesquisa fosse realizada e é surpreendente as ideias que foram dadas para criação desta nova versão.

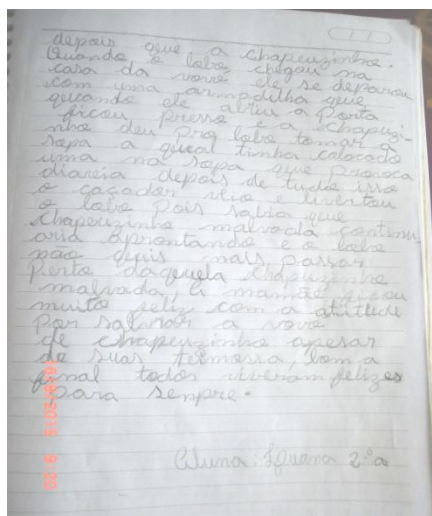


Figura 12: A nova versão do 2º ano da historia do Chapeuzinho Malvado.

Fonte: Arquivo pessoal

Ao decorrer da semana os alunos foram dizendo o que a contação de histórias contribui para aprendizagem, foi discorrido pelos alunos que estimula a imaginação, incentiva a ler com fluência, faz com que imagine lugares diferentes por meio da história, acredite no final feliz, e que bem sempre vence no final.



Figura 13: Imagem do encerramento da pesquisa como uma comemoração.

Fonte: Arquivo pessoal

Recurso: livros das histórias contadas, quadro, giz, caderno, lápis, maquina fotográfica.

Avaliação: A avaliação foi satisfatória. E aprendi ao desenvolver este projeto, além da contribuição de todos que foi muito importante para a realização deste presente trabalho, a participação dos alunos e da professora regente foi proveitosa. O comportamento e a contribuição da aprendizagem de cada um fizeram com que o objetivo fosse alcançado que era avaliar o que a contação de história contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Conforme Baldi (2009);

O objetivo geral dessa unidade é conhecer mais a fundo a obra de um autor por ano, ampliando, ao longo das séries, o repertório literário dos alunos, através do contato com diferentes autores, a sua qualidade literária, numa perspectiva de valorização da leitura e da construção de uma história de leitor (BALDI, 2009, p.59).

As escolas devem ter como objetivo incentivar e conhecer os alunos e buscando mais obras literárias e tendo conhecimento de diferentes autores, e assim ampliando o conhecimento e interesse dos alunos. Dessa maneira, protegendo a qualidade e a valorização da leitura e da construção de histórias.

Considerações finais

É importante visar que neste presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de pesquisar qual é a contribuição da contação de história para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos no nível de Ensino Fundamental.

A contação de histórias, quando trabalhada de forma adequada, contribui para que as crianças desenvolvam e ampliem habilidades essenciais para sua vida pessoal e escolar, pensa-se que esta é indiscutivelmente uma prática digna de ser utilizada pelos professores nesse nível dos alunos. Valorizando a ideia que a criança, ao escutar histórias de seu interesse, é levada a fazer associações e relações desta com fatos e situações do cotidiano, percebe-se que o ato de contar histórias possibilita que a mesma tenha uma maior e melhor compreensão do mundo. Isto facilitará e proporcionará a ela o desempenho de papéis sociais de forma autônoma e crítica. Considerando que o contador, por meio da leitura expressiva, estimula na criança, com espontaneidade e encantamento, o gosto pela leitura. Nota-se que o professor contando histórias, durante sua prática educativa, atua como um agente formador de alunos leitores, proporcionando e permitindo que eles se tornem sujeitos ativos e responsáveis pela construção de seus conhecimentos. Foi possível ver, através das teorias dos autores estudados e das concepções das pessoas que colaboraram para esta investigação, que o ato de contar histórias é, sem dúvida, uma atividade que oportuniza ao aluno a realização das tarefas de leitura e escrita com mais qualidade, enriquecendo o vocabulário.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices.**- São Paulo: Scipione 1997. -(Pensamento e ação no magistério).

BRASIL, **Ministério da justiça. Direitos Humanos no cotidiano: secretária de Estado dos Direitos Humanos**, Unesco – 2º edição – Universidade de São Paulo - 2001.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes, **Literatura Infantil, Teoria e Prática**, Editora Ática, São Paulo, 1987.

Escola Polo Municipal Professor Isaac Borges Capillé. **Projeto Político Pedagógico**, Ponta Porã, 2015.

GIL, Antônio Carlos 1946. **Como elaborar Projetos de pesquisa.** Antônio Carlos Gil 4º edição. – 4ª edição, São Paulo: Atlas, 2007.

LUDKE, Menga. André, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**, São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. 1948. **O Ator de ler. Fundamentos psicológicos, para uma nova pedagogia da leitura.** 3º edição- São Paulo; Cortez: autores associados, 1984.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, 1948. **Leitura na escola e na biblioteca**, 2º edição, Campinas, São Paulo: Papyrus, 1986.

SOUSA, Renata Junqueira de. FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Leitura literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**, Campinas, São Paulo, mercado da letra, 2011.

Sites pesquisados

<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-0c2.pdf>

<http://www.facevv.edu.br/revista/03/artigo%20christiane%20jarosky.pdf>

APÊNDICE

APÊNDICE A

Registros do processo de produção de pesquisa referente a contribuição que a leitura trás para a aprendizagem dos alunos.

